

“ME GRITARON NEGRA” E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NO CONTEXTO PERUANO

Rayana Alves de Almeida¹

Mariana Cortez²

RESUMO: Este artigo apresenta a análise da canção-poema *Me Gritaron Negra* (1960), da artista peruana Victória Santa Cruz. Este exercício analítico revela o conflito de vozes presentes na narrativa e sua trama discursiva que resultam na assunção e afirmação da identidade negra neste tempo e espaço. Bakhtin (2003), em seus estudos, formula que um discurso é constituído por inúmeros fios ideológicos (em concordância ou discordância) e que um discurso sempre se constrói como resposta a outro discurso, postulando assim seu conceito de dialogismo inerente à linguagem e à polifonia, presença de vozes polêmicas no discurso. A partir do referencial teórico exposto e da análise realizada, foi possível problematizar o processo de construção da identidade da protagonista negra, que será pautado na alteridade determinante e impositiva, revelando o discurso racista implicado neste processo. Destaca-se a importância de abordar obras com essa temática, dada a ainda invisibilização das produções e autores negros no meio acadêmico, espaço de produção de novos conhecimentos, que buscam possíveis mudanças sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Racismo. Polifonia. Dialogismo.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the poem-song *Me gritaron negra* (1960), by the peruvian artist Victória Santa Cruz. This analytical study reveals the conflict of voices setting in the narrative and its discursive plot, ending in the assumption and affirmation of the black identity in its time and space. Bakhtin (2013), proposes the concept of polyphony and dialogism, by arguing that a discourse is composed of innumerable ideological threads (in agreement or disagreement), and the discourse is always constructed as a response to another discourse. From the theoretical framework and the analysis, it is possible to observe the process of the identity construction of the black protagonist, based on a determining and imposing alterity, revealing the racist discourse inside this process. So far, the significance of these

¹ Graduada em Letras na UFMG e Mestranda no Programa de Pós-graduação em Literatura Comparada na UNILA. E-mail: rayanaufmg@yahoo.com.br.

² Docente da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) e no Mestrado em Literatura Comparada (PPGLC), doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. E-mail: mariana.cortez@unila.edu.br.

findings is to highlights the importance of approaching works with this matter, as well as to show the invisibility of black productions and authors in the academic environment, turning it as a space for the production of new knowledge and a place for possible social changes.

KEYWORDS: Identity. Racism. Polyphony. Dialogism.

Introdução

Este estudo tem por objetivo desvelar os discursos imbricados na canção-poema *Me Gritaron Negra*, da autora e compositora Victória Santa Cruz, escrita em 1960, trazendo à reflexão o conflito vivenciado pelos negros no processo de reconhecimento e afirmação de sua identidade no Peru. A também poetisa, coreógrafa e figurinista Victoria Eugenia Santa Cruz, nascida em 27 de outubro de 1922, falecida em 30 de agosto de 2014, foi uma importante representante da arte afro-peruana no combate ao racismo. Criou, em 1958, com seu irmão, o poeta Nicomedes Santa Cruz, do *Cumanana*, um dos primeiros grupos teatrais inteiramente integrado por negros no Peru, tendo como intuito difundir as diversas vertentes da cultura afro-peruana no país. Santa Cruz escreve *Me Gritaron Negra*, “em referência a experiência de preconceito vivida ainda criança dentro de um grupo de amigos que a expulsaram simplesmente por ser negra” (ARMELIN, 2016), crescendo, então, decidida a combater o preconceito racial presente na sociedade em que vivia.

Cabe mencionar que a visão estereotipada e preconceituosa acerca da mulher negra afro-peruana persiste desde o período colonial, transmitida de geração em geração, tornando-se parte do imaginário social atribuído a essas mulheres. É o que compreendemos a partir da leitura de *História del Pueblo Afroperuano y sus Aportes a la Cultura del Perú* (2013), material desenvolvido pelo Ministério da Educação peruano:

Situémonos en el Perú de finales de la Colonia. Pensemos en la mujer negra, de una belleza sin igual, de un color de piel comparado al de la más fina madera del continente africano: el ébano. Ella fue tildada de seductora y viciosa; acusada de no tener honor, de tener una conducta amoral, de practicar normalmente el aborto; y recriminada por los amos de revertir el orden social. Estas acusaciones eran ventiladas a menudo en los tribunales eclesiásticos, a los que recurrían las esclavizadas para confrontar y denunciar a los amos blancos por crueldad, maltratos físicos, que llegaban hasta la sevicia espiritual [...] Los negros eran seres no considerados humanos. Nacieron en

este continente escuchando las historias de sus padres y abuelos acerca de sus lejanas tierras, de sus dioses protectores a los cuales les suplicaban que los retornaran a la libertad y que los devolvieran a sus pueblos (PERU, 2013, p 59-60).

É necessário, portanto, aprofundar nossos estudos sobre obras que discutem o racismo, neste caso no Peru, mas também no Brasil e nos demais países da América Latina, pensando as heranças do período colonial e suas consequências para nossa cultura.

Nosso estudo propõe a análise do contexto histórico e social da canção-poema de Santa Cruz, a partir da leitura do próprio texto, como indicam as reflexões de Fiorin (1995):

Dar ênfase ao conceito de que o texto é um objeto de significação implica considerá-lo um todo de sentido, dotado de uma organização específica, diferente da da frase. Isso significa, portanto, dar relevo especial ao exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como uma totalidade de sentido (FIORIN, 1995, p. 165).

O intuito da análise foi desvendar quais são as vozes presentes na narrativa para, a partir delas, entender o contexto em que esse texto está inserido, pois se sabe que todo texto é um pronunciamento sobre uma dada realidade. Ao fazer esse pronunciamento, o produtor (enunciador) trabalha com as ideias de seu tempo e da sociedade em que vive (FIORIN, 2007). Para tanto, as vozes discursivas presentes na canção-poema serão material essencial da análise, pois postulam as teorias que se voltam ao discurso:

Nenhum texto é uma peça isolada, nem a manifestação de uma individualidade de quem o produziu. De uma forma ou de outra, constrói-se um texto para através dele, marcar uma posição ou participar de um debate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade (FIORIN, 2007, p. 13).

A canção-poema de Santa Cruz se enquadra, justamente, no que se entende por corrente discursiva e, para a problematização do discurso racista é importante pontuar quais vozes estão em conflito, já que o discurso afirmativo das chamadas *minorias sociológicas* (NASCIMENTO, 2006) - negros, indígenas, mulheres, gays - se opõe ao discurso estabelecido, determinante e hegemônico.

Buscamos, portanto, primeiro identificar essas diferentes vozes polêmicas presentes na narrativa, melhor compreendê-las como conflito discursivo, para, em seguida, visualizar os

diferentes espaços de fala que a protagonista do texto em análise ocupa ao longo do processo de reconhecimento e construção de identidade.

Vozes e gritos nos corpos: conflitos

A canção-poema que tomamos para análise se constitui como uma reflexão acerca da experiência de descobrir-se negra numa sociedade racista que menospreza e subjuga o negro. Sua narração descreve o processo de crescimento de uma menina que, antes mesmo de tomar consciência de sua ancestralidade negra, sofre com a intolerância daqueles que acreditam ser superiores.

A narração em primeira pessoa indica que quem narra é um personagem participante da história, neste caso, o protagonista da ação narrativa, que compartilha seus pensamentos e emoções. Essa forma de narrar proporciona uma aproximação do leitor à história e ao protagonista, uma vez que expõe suas emoções estabelecendo com o leitor (enunciatário) uma relação de cumplicidade.

Observamos ao longo do poema um *percurso de reconhecimento e construção da identidade negra* pautado pela presença constante da voz do outro, ou seja, estabelece-se o jogo de alteridade vs. identidade.

Bakhtin (2013) entende que um discurso é constituído por inúmeros fios ideológicos (em concordância ou oposição) e que um discurso sempre se constrói como resposta a outro discurso, postulando assim seu conceito de *Dialogismo* inerente à linguagem e a *Polifonia*, que estabelece a polêmica entre as vozes instauradas.

Além da trama discursiva que se revela em um texto, as vozes de personagens, enunciadas por meio do discurso direto e indireto, estão essencialmente implicadas no percurso temático. Ou seja, o confronto de falas das personagens se concretizam no nível discursivo do percurso gerativo de sentido (FIORIN, 1995). Essas vozes podem ser encontradas isoladas ou

juntas num texto, dando a este um caráter *polifônico*, em que várias vozes controversas são ouvidas num só texto.

A canção-poema de Santa Cruz pode ser entendida como etapas de um processo de transformação que serão designados da seguinte maneira: *inocência*, *rejeição*, *negação* e *afirmação*.

No primeiro momento, que podemos chamar de *inocência*, essa voz protagonista de uma criança que demonstra não entender o sentido negativo atribuído a sua cor e a sua origem negra:

Tenía siete años apenas,
¡Que siete años!
¡No llegaba a cinco siquiera!
De pronto unas voces en la calle me gritaron ¡Negra!
(CRUZ, 1960, s/p).

A leitura desses primeiros versos já nos indica a presença de mais de uma voz presente no texto: a voz, em *1ª. pessoa*, da menina protagonista e a voz do outro, branco, que se separa dela. A voz do outro sentencia: “Você é negra, diferente de mim”. Eis que se estabelece já nos primeiros versos a dicotomia alteridade vs. identidade e as vozes dissonantes.

No segundo momento, *a rejeição*, o enunciador-narrador toma consciência da diferença imposta a dois grupos diferentes, aqueles que são negros e os outros, não negros. Disso se impõe a valoração social: o negro menos, inferiorizado e o outro, mais, exaltado. Valores positivos e negativos geram a tensão e a oposição fundamental apresentada neste texto. Instala-se, discursivamente, o preconceito racial presente no contexto social apresentado e o narrador passa a incorporar aquela voz, aquele discurso de imposição, induzindo, assim, à negação do ser:

“¿Soy acaso negra?” – me dije ¡SÍ!
“¿Qué cosa es ser negra?” ¡Negra!
Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía. Negra!
Y me sentí negra, ¡Negra!
Como ellos decían ¡Negra! (CRUZ, 1960, s/p).

O narrador-protagonista diz a ela mesma: “*Soy acaso negra? - Qué cosa es ser negra?*”, há, portanto, uma não-identificação, uma não-compreensão/ausência de conhecimento e, portanto, de (re) conhecimento dentro daquela cisão imposta socialmente (Eu-Eles): “Não sou o outro e não sei o que é ser o que me dizem que sou”. Na sequência, há a assunção do discurso do outro: “Se eles me dizem, então sou”, impondo o pertencimento a uma categoria vista como socialmente negativa, ou seja, a ela é dado um lugar não valorizado pela visão de mundo imposta.

Em seguida, no terceiro momento do processo da construção da identidade no texto, que chamamos de *o retrocesso* da protagonista, observamos a aceitação da imposição e a busca por não parecer o que é. Há a negação total (“*odié*”) e a farsa se estabelece, isto é, “serei o que não sou para pertencer ao grupo positivo”: negar sua identidade negra e assemelhar-se com aqueles considerados superiores resulta na impotência diante da imposição (“*Como ellos querían...*”) de uma forma de ser e parecer positiva em oposição a uma categoria inferior e marginalizada. O retrocesso pode ser observado nos seguintes versos:

Y retrocedí ¡Negra!
Como ellos querían ¡Negra!
Y odié mis cabellos y mis labios gruesos
y miré apenada mi carne tostada
Y retrocedí...
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra! [...] (CRUZ, 1960, s/p).

Em seguida, há a passagem temporal (“*Y pasaba el tiempo*”) e a consciência de que ser negra, naquele contexto, é pesado. Tem-se, então, a voz da imposição do outro revelada não apenas na diferença dos traços (cabelo, lábios e pele), mas também no cotidiano, como carga discursiva que se estabelece ao outro por não pertencer a um dito grupo hegemônico (os outros e não ela).

Y pasaba el tiempo,
y siempre amargada
Seguía llevando a mi espalda
mi pesada carga

¡Y cómo pesaba!... (CRUZ, 1960, s/p).

Esta consciência da dificuldade e do peso que se coloca sobre as costas dos negros resulta na negação de seus traços (cabelo, lábios, pele) e na tentativa de aproximação à estética branca, alisando o cabelo, passando pó no rosto e odiando seus lábios grossos. Ela quer ser o que não é.

Me alacé el cabello,
me polvéé la cara,
y entre mis cabellos siempre resonaba
la misma palabra

¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! (CRUZ, 1960, s/p).

A última parte narra o processo de transformação (“*Hasta que un día que retrocedía, retrocedía y qué iba a caer*”): a marca temporal (“*hasta que un día*”) paralisa o contínuo descrito pelo verbo no pretérito contínuo (“*retrocedía y qué iba a caer*”). Diante da possibilidade de sucumbir ao imperativo do discurso alheio, há a transformação de um estado de aceitação do discurso do outro à assunção da sua identidade (“*¿Y qué? ¡Negra! Sí ¡Negra! Soy*”). Esse processo de reconhecimento e enfrentamento identitário conduz ao discurso de “afirmação”:

De hoy en adelante no quiero
laciár mi cabello
No quiero
Y voy a reírme de aquellos,
que por evitar – según ellos –
que por evitarnos algún sinsabor
Llaman a los negros gente de color
¡Y de qué color! NEGRO
¡Y qué lindo suena! NEGRO
¡Y qué ritmo tiene!

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO

Al fin

Al fin comprendí AL FIN

Ya no retrocedo AL FIN

Y avanzo segura AL FIN

Avanzo y espero AL FIN

Y bendigo al cielo porque quiso Dios

que negro azabache fuese mi color (CRUZ, 1960, s/p)

Nesse momento *afirmativo*, essa voz enunciativa se revela empoderada e capaz de afirmar-se como negra, por entender, por meio do retrocesso e automutilação da imagem, que a forma de se ver livre é reconhecer a sua identidade, eis que ela enuncia: (*Ya tengo la llave!*). A chave para aliviar sua *pesada carga* é justamente afirmar-se como negra, não tentar *embranquecer-se* e aceitar suas raízes ancestrais.

Podemos destacar ainda a presença da voz do *outro* já no final da canção-poema, mas nessa fala a atitude da protagonista é outra. Agora, há a imposição de sua identidade negra e a fala do outro é praticamente anulada. Na primeira, tem-se: (“*Y voy a reírme de aquellos, que por evitar – según ellos – que por evitarnos algún sinsabor, Lllaman a los negros gente de color*”). Este verso revela a voz do outro que se reconhece como racista, tendo em vista que sabe que seu discurso coloca o outro em um lugar desconfortável. Espaço esse sempre imposto ao negro, subjugado a tal ponto, que mesmo aquele que profere o discurso tem a consciência e o receio de dizer negro, pois esta marca é ofensiva neste contexto racista. No entanto, diante dessa fala proferida, a protagonista inverte a situação e desvaloriza a palavra do outro (“*Y voy a reírme de aquellos*”), já que agora ela se reconhece na palavra do outro, porém não situada naquele espaço pejorativo, mas sim afirmando a sua identidade e seu lugar de fala. Em seguida, há a repetição da expressão *Negro*, porém, já com outra atitude da protagonista, uma vez que esta reconhece e defende suas raízes, como vemos nos versos: “*NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO*” (CRUZ, 1960).

Cabe considerar a questão identitária como um *processo*, que ocorre gradualmente, num determinado tempo, identificado por algumas marcas textuais presentes nos versos:

Tenía siete años apenas[...]
Y pasaba el tiempo,
y siempre amargada,
seguía llevando a mi espalda[...]
y entre mis cabellos
siempre resonaba la misma palabra (CRUZ, 1960, s/p).

E, ainda:

Hasta que un día que retrocedía,
retrocedía y que iba a caer [...]
De hoy en adelante no quiero laciair mi cabello
“Al fin comprendí, AL FIN
Ya no retrocedo[...] (CRUZ, 1960, s/p).

O desenvolvimento e amadurecimento pessoal da protagonista na trama podem ser percebidos com a ocorrência de binarismos, negação/afirmação; identidade/alteridade; indivíduo/coletivo; positivo/negativo; pertencimento/não-pertencimento. O que reforça o caráter *polifônico* do discurso, ou seja, a presença de várias vozes polêmicas expressas na narrativa, já que essas categorias colocadas em oposição são assumidas pela alternância de vozes instauradas no texto.

Nessa canção-poema, destacamos as vozes discursivas marcadas e não marcadas (respectivamente, as formas direta e indireta da citação) com isso demonstramos a polifonia que ocorre na alternância entre a voz da protagonista e as outras vozes, já mencionadas anteriormente, que interagem no discurso, fazendo afirmações, assumindo nesse universo

enunciativo, a voz racista que participa de todo o processo de construção de identidade como força oposta à da protagonista.

Ainda, identificamos no texto a representação de elementos como cor, ritmo, e até mesmo uma sensação *de ser negro*:

Llaman a los negros gente de color
¡Y de qué color! NEGRO
¡Y qué lindo suena! NEGRO
¡Y qué ritmo tiene!
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO[...] (CRUZ, 1960, s/p).

Assinalamos a ocorrência da expressão - *negro* - e sua ressignificação de sentido, que inicialmente é empregado de forma negativa e pejorativa e passa a ser positivada no processo de transformação e reconhecimento da identidade do sujeito.

Assim, ao fim da leitura e do processo de reconhecimento da protagonista, a palavra *negro* ganha outro significado, agora, positivo, afirmativo e presente na vida da protagonista, que ganha a musicalidade, o ritmo em batuque (tambor), que recupera ainda mais a cultura *afro*. Outra marca que nos indica essa ressignificação é sua escrita em letras maiúsculas, além de sua repetição. Repetir uma palavra ou expressão, num discurso, gera o efeito de sentido de ênfase e no poema opera o ritmo e a musicalidade própria dessa expressão.

Vozes e gritos na rua: a expressão

Esta análise nos permite também discutir acerca da *alteridade* como espaço para a construção da identidade. A *alteridade* reconhece um destinatário ativo, um ser que não se limita à compreensão passiva diante do locutor. Trata-se de um destinatário que reage de modo responsivo à fala/mensagem recebida, produzindo respostas (ora concordantes, ora discordantes) que se relacionam em um plano polifônico. Sob este ponto de vista, podemos afirmar que *Me Gritaron Negra* proporciona um espaço de *alteridade* dos sujeitos, auxiliando

no processo de construção de identidade daqueles envolvidos na enunciação e pertencentes à comunidade negra.

Assim, enfatizamos o processo de construção identitária, discutindo, também, o conceito de identidade, cada vez mais fundamental em diversos campos do conhecimento, incluindo-se também aqueles relacionados ao sujeito enunciativo num texto. Sobre este conceito, Meireles afirma:

[...] podemos falar da constituição identitária como um processo que se dá mediado pelas relações com as pessoas, os valores, os sentidos, os símbolos e a cultura; sendo que o sujeito vai se constituindo à medida que internaliza valores e significados que permeiam o social (MEIRELES, 2012, p. 4).

Ao entender que as identidades se constroem discursivamente, ainda segundo a análise de Meireles (2012, p. 6), quando afirma que “estamos nos referindo, de alguma forma, a um sujeito polifônico, que se constrói na e pela linguagem”. A autora menciona Signorini (1998) ao afirmar que este mesmo sujeito é “um ator que opera entre possibilidades disjuntas, e/ou contraditórias, que (des) articula, que se faz nó, encruzilhada a partir da multiplicidade heterogênea e polifônica dos códigos e narrativas sociais a que está exposto”, e completa que trata-se portanto, “de um processo identitário que se constitui num jogo polifônico, no qual múltiplas vozes e dizeres interpelam, sustentam e/ou fraturam as identidades” (MEIRELES, 2012, p. 6).

Podemos considerar, então, que a identidade é construída socialmente, por meio do contato com outros sujeitos e pelo reconhecer-se pertencente a uma comunidade. Compreendendo a problemática que envolve a imposição do branco sobre o negro, criando regras de hegemonia branca que descarta e marginaliza tudo o que se refere à cultura negra.

Numa perspectiva histórica e antropológica, incorporamos as ideias do psicanalista martinicano, Fanon (2008), em *Pele Negra Máscaras Brancas*, quando aborda as relações entre o negro e os demais sujeitos sociais, e principalmente, da associação do negro ao corpo e a autonomia da identidade branca:

Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra

dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas (FANON, 2008, p. 104).

A ideia de sujeito em questão trata, portanto, de um sujeito individual e social, que olha para si, reconhecendo os mesmos problemas no outro. Tendo numa terceira direção, um olhar externo, o do branco, que dita os valores positivos e negativos, hegemonizando uma ideia negativa do negro e criando uma *atmosfera de incertezas*. Fanon (2008) segue afirmando esses vários lugares de fala possíveis no processo reconhecimento da identidade:

Então o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. No movimento, não se tratava mais de um conhecimento de meu corpo na terceira pessoa, mas em tripla pessoa. No trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares. Eu já não me divertia mais [...] Eu existia em triplo: ocupava determinado lugar. Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. A náusea... Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meu ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas (FANON, 2008, p. 105-106).

Um indivíduo, portanto, não ocupa apenas um único lugar de fala o que torna seu discurso muitas vezes conflituoso e neste trabalho, buscamos justamente identificar estas vozes. Em *Me Gritaron Negra*, percebemos a protagonista, sujeito discursivo - enunciador, ocupando três espaços de fala distintos: o primeiro, com sua voz de descoberta identitária, o segundo, com uma voz social, do grupo ao qual pertence (a comunidade negra) e o terceiro, a voz do branco que interage e influencia esse sujeito discursivamente, impulsionando o confronto dentro do discurso.

Por fim, cabe ainda ressaltar que, na escrita de Santa Cruz aplica-se ainda, outro conceito proposto por Bakhtin, chamado de *Compreensão Responsiva Ativa*, quando diz que, ao compreender um texto, diversas experiências sociais e históricas construídas são ativadas para assim, emitir uma resposta a determinado discurso, atribuindo algum juízo de valor ao mesmo (BAKHTIN, 2003).

Bakhtin (2003) entende o sujeito/interlocutor, enquanto um ser ativo, comprometido e responsivo ao outro. Não é passivo às relações sociais e é nessa inter-relação com o social que toma uma atitude responsiva em relação ao mundo, a si mesmo e ao outro. Assim, “o ouvinte,

ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, imediatamente assume em relação a ele uma postura ativa de resposta”. Esta postura ativa ocorre a partir da mobilização de uma atividade mental com os signos envolvidos na interação verbal que, em diálogos anteriores, promovem outros discursos. (BAKHTIN, *apud* MACHADO, 2005, 156).

O texto, portanto, dialoga diretamente com o leitor, buscando a produção de um sentido e uma resposta diante de uma questão: o combate ao racismo. Mostra a inferiorização, o sofrimento e a consolidação de uma autoimagem ruim, que nega sua real identidade e afeta a autoestima da protagonista negra. A canção-poema é uma demonstração de luta pela afirmação, tornando-se ferramenta contra o racismo em diversos países, inclusive no Brasil.

Considerações finais

Neste estudo, observamos como o conflito de vozes faz-se presente no processo da aceitação e afirmação da identidade negra, na obra peruana de Victória Santa Cruz. A discussão sobre o racismo e o discurso hegemônico, que atua conflituosamente nessa construção identitária. Um único indivíduo possui, portanto, diferentes vozes - individual, social - e ainda está em contato com outros discursos, com os quais interage.

Percebemos a semelhança no que se refere à presença intrínseca do racismo na sociedade peruana, causando dor e sofrimento aos seus pertencentes. A exclusão social apresentada em *Me Gritaron Negra* é denunciada por meio da marginalização. Percebemos o negro inferiorizado diante do branco, sendo obrigado a negar suas características físicas em busca de um branqueamento para, assim, ser finalmente aceito socialmente. Quando a protagonista percebe que seria impossível negar suas raízes e identidade, aí sim, vê-se empoderada.

A produção é dotada do discurso *Polifônico*, com alternância de vozes discursivas e também propõe uma *Compreensão Responsiva Ativa*, tornando-a ideal para debater temas como o racismo.

Apresenta um confronto ao “mito da democracia racial”, evidenciando a necessidade de ainda discutirmos nossas relações sociais em todos os espaços possíveis, sobretudo no campo científico, ainda majoritariamente branco e hegemônico, incentivando as produções e investigações de autores negros, a fim de, romper com o silenciamento institucional e científico sobre a temática.

Referências

- ARMELIN, D. VICTORIA SANTA CRUZ, A FORÇA DE UMA VOZ AFRO-PERUANA. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/victoria-santa-cruz-forca-de-uma-voz-afro-peruana>>. Acesso em 13 de novembro de /2016.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- _____. *Estética da criação verbal*. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, B. *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- FIORIN, J. L. “A noção de texto na semiótica”, in: *Organon*, v. 9, n. 23, Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- _____; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: leitura e redação*. 18 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- MEIRELES, M. M. Sujeito (s), Representações, Discursos e Identidade(S) Polifônica(S): entrelaçando conceitos. *III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade*. Campinas, 2012. Disponível em: http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/MEIRELES_MAXIMIANO_MARTINS_DE.pdf. Acesso em: 19 de dezembro de 2016.
- NASCIMENTO, E. P. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. 2006. *Dissertação de Mestrado em Antropologia Social* - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/pt-br.php>>. Acesso em: 12 de abril de 2017.

PERU. *História del Pueblo Afroperuano y SUS Aportes a La Cultura del Peru*. Lima. NAVARRETE S.A. 2013

SIGNORINI, I. Figuras e modelos contemporâneos de subjetividade. In: SIGNORINI, I (org.). *Lingua(gem) e identidade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA. *Me gritaram negra, poema de Victoria Santa Cruz*. Disponível em: <<http://feminismo.org.br/me-gritaram-negra-poema-de-victoria-santa-cruz/>>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.